

‘O servidor será nosso parceiro’

Jornal de Brasília - O que muda na Saúde a partir de agora?

Maninha - Não estou chegando para mudar. A diretriz da secretaria, que é o Rema, vai continuar. Mas, podemos corrigi-lo. Acelerar o processo de implantação nos lugares onde está dando certo, como o Gama, e transformá-los em áreas-piloto. Então podemos desacelerar em outros lugares até que haja a adequação do ponto de estrangulamento, que são os recursos humanos.

- Como fica o relacionamento com os sindicatos?

Maninha - Vamos tornar o servidor nosso parceiro em qualquer política que tenha que ser aplicada. Sei que há divergências em relação ao Rema e pretendo ouvir as críticas para assimilá-las. Por outro lado, temos que recuperar a auto-estima dos servidores,

pensar num plano de carreira e até numa política habitacional.

- Há solução para o déficit de médicos?

- Temos que tirar modelos que deram certo em outras cidades. A idéia do médico do interior, por exemplo. Aquele que trabalha sem carga horária, mas com famílias que estão sob sua responsabilidade. À noite, você pode ligar para ele e dizer que está com um problema. É o antigo “médico da família”. Isso elimina a fila para marcação de consulta nos Centros de Saúde e faz com que a gente saia desse gargalo que é a questão dos recursos humanos.

- O sindicato ameaça greve. A senhora pretende negociar o repasse de verbas federais?

- Como sindicalista, aprendi que ou você se movimenta ou as coisas

acontecem e te afogam. Não há mágica. Eu vou peregrinar. Vou ao Ministério da Saúde, aos deputados e senadores que são médicos, ao Conselho Nacional de Secretários de Saúde e ao Ministério da Economia. Não vou ficar estática.

- Como resolver o problema do atendimento à pessoas do Entorno e outros estados?

- Temos que trabalhar com as prefeituras do Entorno uma nova modalidade de relação. Como num consórcio. Fazemos um *pool* de recursos e depois dividimos. Queremos uma contrapartida da verba destes estados e municípios. Temos que mostrar ao Ministério da Saúde que estamos atendendo essas pessoas. No ano passado, a Fundação Hospitalar realizou 4,5 milhões de atendimentos e o DF tem apenas 1,7 milhão de habitantes.